

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 60

PORTUGUÊS 11.º ANO

Tema 11: *Os Maias* de Eça de Queirós
Subtema 2: *Os Maias* ou *Episódios da vida romântica*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

No último capítulo de *Os Maias*, Eça de Queirós convida-nos a regressar a lugares, personagens e temas que marcaram toda a obra. É uma oportunidade para observar com mais atenção a forma como o autor constrói significados através das descrições, dos símbolos, do discurso das personagens e da ironia do narrador.

Descobre como o final do romance permite reler, sob uma nova perspetiva, o percurso das personagens e alguns dos grandes temas e questões da obra.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ORALIDADE:

- Interpretar textos orais dos géneros exposição sobre um tema (...), evidenciando perspetiva crítica e criativa.
- Fazer exposições orais para apresentação de temas, de opiniões (...).
- Preparar adequadamente as apresentações orais através de uma planificação cuidada.
- Avaliar, individualmente e/ou em grupo, os discursos orais.

NO DOMÍNIO DA LEITURA:

- Realizar leitura crítica e autónoma.
- Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista.
- Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto.
- Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:

- Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas entre os séculos XVII e XIX.
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
- Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.
- Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.
- Debater, de forma fundamentada e sustentada, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pela leitura de textos e autores diferentes.
- Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto narrativo.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Escrever textos de opinião, apreciações críticas e exposições sobre um tema.
- Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante.
- Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.
- Utilizar os mecanismos de revisão, de avaliação e de correção para aperfeiçoar o texto escrito antes da apresentação da versão final.



COMO VOU APRENDER?

GTA 52: Que segredos se escondem no passado dos Maias?

GTA 53: O que revelam os contrastes n'Os *Maias*?

GTA 54: Personagens no espaço: como se constrói a crítica social?

GTA 55: Que retrato(s) do amor burguês nos dá o narrador?

GTA 56: Crónica de costumes e intriga amorosa: como se articulam?

GTA 57: Como convive o idílio amoroso com os sinais de tragédia?

GTA 58: Qual o papel dos jornais na Lisboa d'Os *Maias*?

GTA 59: Como se revela e concretiza a tragédia dos Maias?

GTA 60: Por onde andam e de que falam Carlos e Ega neste desfecho?

Tema 11: Os *Maias* de Eça de QueirósSubtema 2: Os *Maias* ou *Episódios da vida romântica*

GTA 60: Por onde andam e de que falam Carlos e Ega neste desfecho?

Objetivos:

- Explicitar, com apoio em evidências textuais, a visão crítica de Lisboa e da sociedade portuguesa no Capítulo XIX.
- Interpretar o valor simbólico do Ramalhete como espaço de memória e decadência.
- Relacionar a conversa final entre Carlos e Ega com o percurso das personagens e com a geração de 70.
- Analisar o efeito de ironia construído no desfecho da obra.
- Identificar traços do estilo e da linguagem queirosiana.
- Formular oralmente e por escrito interpretações sustentadas a partir do texto literário.

Modalidade de trabalho: pequenos grupos e individual.

Recursos e materiais: caderno e *internet*.



É importante que já tenhas realizado a leitura do Capítulo XVIII d’Os *Maias*. A partir do [GTA 51](#), iniciámos um desafio de missões para a leitura de capítulos da obra com o jogo «O extraordinário caso dos Maias». Se ainda não estás a acompanhar, dedica algum do teu tempo pessoal à leitura do último capítulo e à realização das tarefas da última missão do jogo. Além disso, podes ir construindo um dossiê de investigação para organizar ideias e valorizar a tua avaliação.



[Eça de Queirós Os Maias.](#)
Edição digital: Disponível em
[Biblioteca Digital da EBSQF.](#)



[Jogo «O extraordinário caso dos Maias – Missão 9».](#)
[Estrudo Autónomo.](#)



[Infografia «Dossiê de investigação».](#) [Estudo Autónomo.](#)



ETAPA 1 – Capítulo XVIII | Mobilização e verificação da leitura



Observa as imagens¹ que se seguem com atenção e procura relacioná-las com o Capítulo XVIII de *Os Maias*. Em todas elas, surgem duas figuras que correspondem a personagens centrais nesse capítulo.



Preenche a tabela:

1. ordenando as imagens de modo a ilustrar a sequência cronológica das ações narradas no capítulo;
2. resumindo a situação do Capítulo XIX evocada em cada uma delas.

1. ORDENA AS IMAGENS	2. RESUME A SITUAÇÃO QUE AS IMAGENS EVOCAM
1. ^a -	
2. ^a -	
3. ^a -	



Em pequenos grupos, ou em grupo-turma, **debatam** hipóteses de resposta às duas questões que se seguem.

1. Que Lisboa encontram Carlos e Ega ao fim de dez anos e o que revela essa Lisboa sobre Portugal?
2. «Falhámos a vida» — Como é que o final de *Os Maias* combina desencanto e ironia?

Tomem nota de algumas ideias para responder às questões que vos surgirão de novo no final do guião.

¹ Imagens criadas com recurso a inteligência artificial.



Resolve as tarefas correspondentes a cada uma dos excertos **A**, **B** e **C**, oralmente, mas tomando notas das ideias principais. Segue as orientações fornecidas.

EXCERTO A

- Abre** a hiperligação para o recurso interativo e **lê** o excerto (ou **escuta** a leitura gravada disponibilizada).
- Identifica** linhas do texto (estão numeradas) em que encontras:
 - elementos observados por Carlos e Ega;
 - juízo ou interpretação do que observam.



Recurso interativo: «Leitura do excerto A – Lisboa 10 anos depois – Capítulo XVIII, de *Os Maias*. Estudo Autónomo.

a) e b) podem ocorrer em simultâneo na mesma linha do texto.

- Em trabalho de pares, **comparem** as linhas/exemplos do texto que identificaram para cada alínea e **discutam** para chegar a consensos.
- Reflitam** sobre esta afirmação a respeito do excerto que leram:

Eça nunca escreve «Portugal é medíocre», no entanto o leitor chega a essa conclusão, porque o narrador usa mecanismos para criar esse efeito.

Escolham um exemplo concreto e **expliquem** o mecanismo.
- Recordem** quando Carlos, no final do excerto, diz «Resta aquilo, que é genuíno», apontando para zonas mais antigas da cidade. **Decidam** se esta afirmação serve para elogiar ou para condenar mais Portugal e **fundamentem** a vossa posição.

EXCERTO B

- Abre** a hiperligação para o recurso interativo e **lê** o excerto (ou **escuta** a leitura gravada disponibilizada).
- Identifica** cinco objetos ou imagens concretas do espaço que te pareçam especialmente carregadas de significado.
- Em pares, **comparem** os objetos ou imagens que selecionaram, explicando a carga simbólica que têm. **Escolham** três para o passo seguinte.
- Completem** as linhas da tabela para cada objeto/imagem.



Recurso interativo: «Leitura do excerto B – De volta ao Ramalhete – Capítulo XIX, de *Os Maias*». Estudo Autónomo.

Objeto/ imagem	O que o narrador diz sobre o objeto/a imagem	O que o objeto/a imagem representa no contexto



5. **Recordem** como termina o excerto que leram:

«(...) um raio de Sol morria, lentamente sumido, esvaído na primeira cinza do crepúsculo, como um resto de esperança numa face que se anuvia.»

Expliquem de que forma esta imagem final retoma e sintetiza a ideia fundamental sobre a passagem do tempo ao longo do excerto.

EXCERTO C

1. **Abre** a hiperligação para o recurso interativo e **lê** o excerto (ou **escuta** o áudio disponibilizado).

2. **Distribui** as frases **a)** a **j)**, retiradas do excerto, pelas duas colunas em baixo, de forma a perceberes relações entre o que as personagens dizem/pensam e o que elas fazem ou como vivem.



Recurso interativo: «Leitura do excerto C – Uma teoria de vida... – Capítulo XVIII, de Os Maias. Estudo Autónomo.

- a) *Falhámos a vida, menino!*
- b) *Resumo: não vale a pena viver...*
- c) *Nada desejar e nada recear.*
- d) *...tirou o relógio — eram seis e um quarto.*
- e) *Os dois amigos lançaram o passo, largamente.*
- f) *...não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma.*
- g) *Ega ... ofegante, atirando as pernas magras.*
- h) *E Carlos ia dizendo na aragem fria e fina que lhe cortava a face:
— Que raiva ter esquecido o paiozinho!*
- i) *Nem para o amor, nem para a glória, nem para o dinheiro, nem para o poder.*
- j) *E foi em Carlos e em João da Ega uma esperança, outro esforço*

O que dizem e pensam	Como vivem/o que fazem

3. Em trabalho de par, **comparem** as vossas respostas e **expliquem** o contraste que é possível estabelecer entre os dois grupos de frases.

4. **Justifiquem** oralmente as duas afirmações que se seguem:

- a) A frase de Ega «Falhámos a vida» pode generalizar-se ao autor e à sua geração, indo, por isso, além da ação narrada.
- b) A exclamação «— Ainda o apanhamos!» corresponde a um desfecho carregado de ironia sobre o que as personagens querem ainda apanhar e que pode estar simbolizado na lanterna vermelha.



ETAPA 3 – Capítulos XVIII | Síntese

Responde, agora, de forma mais organizada às questões iniciais deste guião colocadas na ETAPA 1:

1. Que Lisboa encontram Carlos e Ega ao fim de dez anos — e o que revela essa Lisboa sobre Portugal?
2. «Falhámos a vida» — Como é que o final de *Os Maias* combina desencanto e ironia?



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

ETAPA 1 – Capítulo XVIII | Mobilização e verificação da leitura

Cenários de resposta:

1. ORDENA AS IMAGENS	2. RESUME A SITUAÇÃO QUE AS IMAGENS EVOCAM
1. ^a - B	Carlos e Ega reencontram-se em Lisboa após dez anos e deambulam pela cidade, observando e comentando o provincianismo português.
2. ^a - C	Os dois amigos visitam o Ramalhete, percorrendo os espaços abandonados e degradados da antiga casa da família Maia.
3. ^a - A	Carlos e Ega conversam sobre a teoria da vida e acabam a correr desesperadamente para apanhar o americano.

ETAPA 2 – Capítulo XVIII | Leitura de excertos

Cenários de resposta:

EXCERTO A

2. a) A sentinela sonolenta em torno à estátua de Camões (l.4); os reposteiros vermelhos nas portas das igrejas (l.5); o Hotel Aliança com ar mudo e deserto (ll. 5 e 6); as varinas com canastra à cabeça (l.7); os vadios em farrapos a fumar numa esquina (l.8); os rapazes na Avenida com flores na lapela, calça apurada, luvas claras; as botas compridas com pontas aguçadas e reviradas, etc.

2. b) «Isto é horrível, quando se vem de fora!» (l.10); «Uma gente feiíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada!» (l. 11) «apagados e murchos» (l. 17); «este desgraçado Portugal decidira arranjar-se à moderna: mas, sem originalidade, sem força, sem carácter» (ll.33 e 34); «É de um reles, de um postiço! Sobretudo postiço!» (l.39), etc.

3. Para a discussão é importante mostrar os contrastes entre o novo e o velho, o genuíno e o postiço e como se mistura a descrição dos elementos com o seu julgamento crítico, por exemplo: «Os mesmos reposteiros vermelhos (...) pendiam nas portas das duas igrejas» — parece descrição pura, mas o «mesmos» carrega já um julgamento: nada mudou, tudo estagna; «sujeitos que lá deixara havia dez anos, já assim encostados, já assim melancólicos» — descreve mas o «já assim» é uma condenação implícita da imobilidade; «uma geração nova e miúda que Carlos não conhecia» — o «miúda» parece descritivo, mas é depreciativo; «botas despropositadamente compridas (...) com pontas aguçadas e reviradas como proas de barcos varinos» — a comparação final transforma a descrição em caricatura.

4. Eça constrói a crítica a Portugal através da descrição irónica e descreve com tal detalhe e com tal seleção de pormenores que o julgamento emerge da própria descrição, sem precisar de ser enunciado. Exemplos: — A acumulação: quando descreve a gente de Lisboa — «feiíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada» — o narrador não diz que Portugal é medíocre: acumula adjetivos até o leitor não ter outra conclusão possível. — A caricatura/a hipérbole: as botas dos jovens da Avenida são descritas com um detalhe excessivo e ridículo («toda a simples forma de botas explicava todo o Portugal contemporâneo»). — A repetição: «os mesmos reposteiros», «os mesmos sujeitos», «já assim encostados, já assim melancólicos», cria um efeito de imobilidade e estagnação sem que o narrador precise de o nomear.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

5. Questão mais aberta a múltiplas respostas, dependendo da argumentação. Leitura 1 - É uma condenação ainda mais funda, uma vez que parece dizer-nos que o que é genuíno em Portugal é apenas o que é obra dos antepassados, do passado ou da própria natureza e não dos portugueses da altura. Leitura 2 - É um elogio genuíno e melancólico em que Carlos reconhece que há algo de autêntico em Portugal. A Lisboa antiga, os velhos bairros, a cidade que existia antes da imitação moderna, não é ironia, é saudade de um Portugal que existiu e que está a desaparecer. Leitura 3 - É as duas coisas ao mesmo tempo, sendo a ambiguidade intencional. Eça não resolve a tensão e é precisamente essa tensão entre o amor crítico e a condenação afetiva que define a relação de toda uma geração com Portugal.

EXCERTO B

2. Por exemplo, os móveis embrulhados em lençóis de algodão; a chinela de veludo de Afonso da Maia; a caixa com objetos de Maria Eduarda; o cipreste e o cedro no jardim; o pacote no Tejo a desaparecer, entre outros.

3. A discussão em par deverá incidir sobre a carga simbólica partilhada por objetos aparentemente diferentes. Todos apontam para a mesma ideia: a extinção, a dispersão, a passagem irreversível do tempo.

4. Por exemplo:

Objeto/ imagem	O que o narrador diz sobre o objeto/a imagem	O que o objeto/a imagem representa no contexto
Os móveis embrulhados em lençóis	«como amortalhados, exalando um cheiro de múmia»	A morte e o abandono da casa; o fim de uma época e de uma família
A chinela de Afonso com objetos de Maria	com objetos de Maria «achados nalgum canto, «para ali atirados», «na promiscuidade de um lixo»	A promiscuidade trágica do destino dos Maias; o avô e a neta reunidos no abandono e na dispersão
O pacote no Tejo	Vai descendo, «desaparecendo logo, como já devorado pelo mar incerto»	O tempo que passa e não volta; o futuro incerto que devora o presente

5. A imagem final retoma e sintetiza o que o excerto foi construindo ao longo de toda a visita ao Ramalhete: o tempo destrói, apaga e dispersa tudo (pessoas, objetos, famílias, esperanças). Cada elemento da frase corresponde a uma camada dessa ideia: o «raio de Sol» que morre, que vai desaparecendo, «lentamente sumido, esvaído» ecoa o ritmo lento e progressivo da degradação dos espaços e dos objetos; «a primeira cinza do crepúsculo» evoca a atmosfera de fim que atravessa todo o excerto e «um resto de esperança numa face que se anuvia» condensa numa única imagem humana tudo o que os espaços e os objetos foram dizendo de forma dispersa. A fusão entre paisagem e estado de alma é evidente.

EXCERTO C

2.	O que dizem e pensam	Como vivem/o que fazem
	a); b); c); f); i)	d); e); g); h); j)



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

3. Nas frases da primeira coluna, Carlos e Ega defendem uma visão desencantada e fatalista da existência. Consideram que falharam os seus projetos de vida e concluem que não vale a pena desejar, esperar ou fazer esforços para alcançar objetivos.

No entanto, as frases da segunda coluna mostram precisamente o contrário. Quando se apercebem de que podem perder o americano, preocupam-se, apressam-se, alimentam uma esperança e fazem um esforço físico para o alcançar. As suas ações contradizem aquilo que tinham acabado de afirmar.

4. a) A afirmação ultrapassa a situação individual de Carlos e Ega porque exprime também a desilusão de uma geração de intelectuais que, na juventude, acreditou poder renovar Portugal através da política, da cultura e das ideias. Tal como os chamados «vencidos da vida», estas personagens reconhecem que muitos dos seus ideais ficaram por concretizar.

4. b) O desfecho é irónico porque, depois de concluírem que não vale a pena desejar nem correr atrás de nada, Carlos e Ega correm desesperadamente para alcançar o americano e não falhar o compromisso com os amigos. As suas ações desmentem imediatamente a teoria que acabaram de formular. O americano pode simbolizar muito mais do que um simples meio de transporte. A corrida sugere que os seres humanos continuam a perseguir objetivos, esperanças e sonhos, mesmo quando afirmam ter desistido deles. A lanterna vermelha que se afasta na noite pode representar tudo aquilo que parece escapar constantemente: a felicidade, a realização pessoal, o amor, o sucesso ou mesmo o sentido da vida.



O QUE APRENDI?

Compreendeste por onde andam e de que falam Carlos e Ega neste desfecho?

És capaz de...

- explicitar, com apoio em evidências textuais, a visão crítica de Lisboa e da sociedade portuguesa no Capítulo XVIII?
- interpretar o valor simbólico do Ramalhete como espaço de memória e decadência?
- relacionar a conversa final entre Carlos e Ega com o percurso das personagens e com a geração de 70?
- analisar o efeito de ironia construído no desfecho da obra?
- identificar traços do estilo e da linguagem queirosiana?
- formular oralmente e por escrito interpretações sustentadas a partir do texto literário?

Tiveste dificuldades?

Sugestão:

Consulta no teu manual as páginas finais da unidade relativa a *Os Maias* de Eça de Queirós.

- Verifica se existem exercícios de análise sobre excertos do último capítulo e realiza esses exercícios, verificando depois as soluções.
- Consulta sínteses ou resumos que o manual disponibilize no final da unidade.



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Visualiza o documentário da RTP-Ensina sobre a obra *Os Maias* de Eça de Queirós e **reflete** sobre os temas mais importantes nela abordados e o potencial que ainda tem para nos interpelar hoje.



«*Os Maias*, de Eça de Queirós». In RTP-Ensina.